III CONGRESSO INTERNACIONAL DE **GESTÃO E TECNOLOGIAS** COINTER - PDVGT 2019

ATIVIDADES DOCENTES DE REDES DE COOPERAÇÃO RELATIVAS À EXTENSÃO NO CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA

ACTIVIDADES DOCENTES DE REDES DE COOPERACIÓN RELATIVAS A EXTENSIÓN EN EL CURSO DE LICENCIATURA QUÍMICA

TEACHERS' ACTIVITIES OF COOPERATION NETWORKS RELATIVE TO EXTENSION IN CHEMICAL LICENSE COURSE

Apresentação: Comunicação Oral

Mariana Almeida Ferreira Lima¹; Renata Cristine de Sá Pedrosa Dantas²; Marnix Carlos de Vocht³; Erick Viana da Silva⁴

DOI: <https://doi.org/10.31692/2358-9728.VICOINTERPDVG.2019.0016>

Resumo

As instituições educacionais se baseiam na tríade Ensino, Pesquisa, e Extensão, indissociáveis e sem distinção no grau de importância. Historicamente a Extensão recebe menor atenção, todavia ascende em visibilidade por estabelecer um fluxo transformador contínuo. Outro ponto que nos chama atenção são as redes de cooperação, que caracterizam alternativa para o desenvolvimento de soluções coletivas, também apontada como a forma organizacional predominante no futuro. Ambos os pontos se relacionam, tomamos como exemplo o Programa Internacional Despertando Vocações (PDV), que há 6 anos atua com a Extensão no formato de redes de cooperação em diversas instituições nacionais e estrangeiras, desta forma visamos perquirir junto aos docentes do curso de Licenciatura em Química do IFPE – *Campus* Vitória de Santo Antão, onde há atuação do PDV, sobre as atividades de Extensão ligadas à formação de redes. O presente trabalho é proveniente dos resultados de uma pesquisa de PIBIC Técnico executado no período entre os anos de 2018 e 2019. Cujo objetivo consiste na identificação das atividades docentes de redes de cooperação relativas à Extensão no Curso de Licenciatura em Química, visando verificar o impacto da participação docente nas atividades de cooperação de caráter interinstitucional no exercício profissional. A investigação do fenômeno deu-se através de pesquisa exploratória, descritiva e de campo, mapeando os docentes que se enquadravam nos critérios estabelecidos e com coleta de dados através de questionário. Fundamentado nas produções de Freire (1985), Rossoni e Filho (2009), Balestrin, Vershoore e Junior (2010), Vaz (2013) e Santos (1999). Como principais resultados destacamos a verificação benefícios práticos do trabalho no formato de redes, contribuições da tecnologia na execução das atividades, todavia observamos baixa familiaridade com a temática de redes de cooperação, que se fazem presentes no cotidiano, mesmo que não evidente, desta forma, há a necessidade de

¹ Técnico em Edificações Integrado, IFPE, marianaalmeidagastro@outlook.com

² Doutora em Ciência da Computação pelo CIN/UFPE, renatadantas@recife.ifpe.edu.br

³ Mestre em Administração de Empresas pela EAESP – FGV, marnixvocht@yahoo.com.br

⁴ Mestre em Administração de Empresas pela UFAL, IFPE – Campus Recife, Erick.viana@recife.ifpe.edu.br

intensificar o desenvolvimento da temática nos espaços acadêmicos.

Palavras-Chave: Teoria Institucional, Cooperação Interorganizacional, Extensão Universitária, Teoria Organizacional, Network.

Resumen

Las instituciones educativas se basan en la tríada de enseñanza, investigación y extensión, inseparables y sin distinción en el grado de importancia. Históricamente, la extensión ha recibido menos atención, pero aumenta su visibilidad al establecer un flujo continuo de transformador. Otro punto que llama nuestra atención son las redes de cooperación, que caracterizan una alternativa para el desarrollo de soluciones colectivas, también señaladas como la forma organizativa predominante en el futuro. Ambos puntos están relacionados, tomamos como ejemplo el Programa Internacional de Despertar Vocaciones (POS), que ha estado trabajando durante 6 años con Extensión en el formato de redes de cooperación en varias instituciones nacionales y extranjeras, por lo que nuestro objetivo es consultar con los profesores de la carrera. en Química en IFPE - Campus de Vitória de Santo Antão, donde opera PDV, sobre actividades de Extensión relacionadas con la creación de redes. El presente trabajo proviene de los resultados de una investigación técnica del PIBIC realizada entre 2018 y 2019. El objetivo es identificar las actividades docentes de las redes de cooperación relacionadas con la Extensión en el Grado en Química, con el objetivo de verificar el impacto. de participación docente en actividades de cooperación interinstitucional en la práctica profesional. La investigación del fenómeno se llevó a cabo mediante investigación exploratoria, descriptiva y de campo, mapeando a los docentes que se ajustan a los criterios establecidos y recolectando datos a través de un cuestionario. Basado en las producciones de Freire (1985), Rossoni y Filho (2009), Balestrin, Vershoore y Junior (2010), Vaz (2013) y Santos (1999). Como resultados principales destacamos los beneficios prácticos de trabajar en el formato de redes, contribuciones de tecnología en la ejecución de actividades, sin embargo, observamos poca familiaridad con el tema de las redes de cooperación, que están presentes en la vida cotidiana, aunque no sea evidente, de esta manera. Es necesario intensificar el desarrollo del tema en espacios académicos.

Palabras Clave: Teoría Institucional, Cooperación Interorganizacional, Extensión Universitaria, Teoría Organizacional, Network.

Abstract

Educational institutions are based on the Teaching, Research, and Extension triad, inseparable and without distinction in the degree of importance. Historically the Extension has received less attention, yet rises in visibility by establishing a continuous transformer flow. Another point that draws our attention is the cooperation networks, which characterize an alternative for the development of collective solutions, also pointed out as the predominant organizational form in the future. Both points are related, we take as an example the International Program Awakening Vocations (PDV), which has been working for 6 years with Extension in the format of cooperation networks in various national and foreign institutions, so we aim to inquire with the teachers of the degree course in Chemistry at IFPE - Vitória de Santo Antão Campus, where PDV operates, on Extension activities related to networking. The present work comes from the results of a PIBIC Technical research carried out between 2018 and 2019. The objective of which is to identify the teaching activities of cooperation networks related to Extension in the

Degree in Chemistry, aiming to verify the impact of teacher participation in interinstitutional cooperation activities in professional practice. The investigation of the phenomenon took place through exploratory, descriptive and field research, mapping the teachers who fit the established criteria and collecting data through a questionnaire. Based on the productions of Freire (1985), Rossoni and Filho (2009), Balestrin, Vershoore and Junior (2010), Vaz (2013) and Santos (1999). As main results we highlight the practical benefits of working in the format of networks, contributions of technology in the execution of activities, however we observed low familiarity with the theme of cooperation networks, which are present in everyday life, even if not evident, in this way. There is a need to intensify the development of the theme in academic spaces.

Keywords: Institutional Theory, Interorganizational Cooperation, University Extension, Organizational Theory, Network.

Introdução

O encontro de sujeitos interlocutores na transformação da realidade é muito bem representado pela Extensão Universitária, que cumpre papel de um dos promotores da democratização do conhecimento e construção colaborativa. “A transformação é a essência da Extensão” (DEUS, 2018, p. 5), a Extensão é transformadora no ponto em que leva os saberes acadêmicos para se unirem aos saberes dos demais membros da comunidade de forma a alterar a realidade. Todavia, não é a atividade mais cômoda na vivência acadêmica, e por diversos motivos é evitada por alguns estudantes, e esta é uma mudança interna que precisa ser promovida. Além de meio para o exercício da função social universidade, a Extensão também deve ser transformadora da própria universidade. Nas “relações do sujeito consigo, com o outro e com o mundo que a educação se constitui como um processo de aprendizagem” (ZANETTE e STECANELA, 2018, p.4).

A Gestão do Conhecimento traz consigo um desafio, uma vez que para novo conhecimento adquirido surgem também novas dúvidas, desta forma o processo se torna cíclico. A Gestão do Conhecimento (GC) pode ser executada através de diversas ferramentas, assim como será exemplificado também com o modelo organizacional de redes de cooperação, não importa tanto a tecnologia utilizada, mas o que se produz a partir dos saberes. No âmbito acadêmico a GC se dá através da tríade Ensino, Pesquisa e Extensão, sendo ferramentas para partes distintas do processo, é de simples associação, numa abordagem sucinta, o processo diz respeito a localizar, tratar, armazenar, possibilitar o acesso e aplicar o conhecimento que existe na organização, todas essas etapas podem ser realizadas aos moldes da tríade que caracteriza o modelo educacional.

Numa visão epistemológica “conhecimento é crença verdadeira e justificada”

(BARROSO e GOMES, 1999, p. 6), todavia existem tipos de conhecimento, associados a uma gama muito vasta de processos, de acordo com Barroso e Gomes (1999) os ativos de conhecimento estão espalhados por toda a organização, estando contida em documentos oficiais, na mente dos membros da organização, em bancos de dados, e outros meios.

Somos capazes de definir as atividades pertinentes à Gestão do Conhecimento, todavia defini-la é uma tarefa complexa, “na prática, gestão do conhecimento inclui: identificar e mapear os ativos intelectuais ligados à empresa” (BARROSO e GOMES, 1999, p.8). A implementação do processo nas organizações é capaz de proporcionar vantagens competitivas significativas, por conduzir organicamente à inovação, todavia “Isto conduz as empresas a um novo desafio, que é o de implementar sistemas de gestão do conhecimento, para facilitar a eficiência, melhorar o serviço para o clientes e, ainda aumentar a competitividade” (BARROSO e GOMES, 1999, p. 4).

Na forma organizacional de redes de cooperação, é fundamental que se direcione maior atenção à Gestão do Conhecimento, em função do fluxo de informações contínuo e multidirecional, há grandes chances de haver perda de ativos intangíveis durante o processo. É característico do formato de rede ser adaptável às necessidades das organizações envolvidas, para que haja êxito na busca de soluções coletivas, Filho (2006) aponta quatro classificações de redes: as formais, estabelecidas por instrumentos contratuais, efetivamente formalizadas, as informais, nas quais não há estabelecimento contratual de regras, as verticais, há uma independência hierárquica a exemplo de uma relação matriz-filial, e as redes horizontais, nas quais as empresas são independentes e atuam em conjunto sem a necessidade de coordenação de uma empresa líder, “embora devam ser entendidas como uma forma organizacional única e distinta” (FILHO, 2006, p.17) esta última classificação se aproxima bastante das redes de cooperação. Dessa forma, a forma de aplicação da Gestão do Conhecimento será distinta para cada caso.

Existem, ao redor do mundo, diversos polos de empresas atuantes no Formato de redes de cooperação, isso não é algo recente, o que evidencia que o sucesso destes sistemas não é condicionado à tecnologia, todavia, conforme os mecanismos tecnológicos e de acesso e difusão de informações “observa-se nos últimos anos a rápida ascensão de diversas tipologias de redes de cooperação” (FILHO, 2006, p.15). Um caso de extrema visibilidade de sucesso na aplicação de redes de cooperação é o Vale do Silício, onde as universidades exerceram um papel importantíssimo, havendo uma política de relacionamento que possibilitava uma integração

academia-empresa, “o sistema de capacitação universitária acabou estabelecendo-se como uma estrutura de suporte para os avanços tecnológicos que brotavam nas inúmeras empresas inovadoras da região” (FILHO, 2006, p. 45).

As práticas de produção no formato de redes de cooperação “corroboram ganhos de eficiência coletiva” (FILHO, 2006, p.42), além desse ponto, Filho (2006) se estende na explicação de mais algumas vantagens apresentadas pelo formato, dentre elas estão:

- a) Ganhos de poder e de escala: projetando para o meio acadêmico, que é o caso abordado nesta pesquisa, é pertinente a este ponto o maior potencial de produção, uma vez que uma instituição poderá, acessar instrumentos, estrutura e informações das demais, reduzindo algumas limitações de sua atuação, outro ponto pertinente é o aumento na exposição pública, uma vez que em divulgação de seus resultados a cooperação deverá ser citada, levando o nome da organização a outros públicos, “participando de uma rede, as empresas passam a ser percebidas com distinção na sua área de atividade (FILHO, 2006, p. 104);
- b) Provisão de soluções: “as soluções providas pelas redes também têm a função de gerar vantagens dificilmente imitáveis pelos concorrentes” (FILHO, 2006, p.106), um ponto na elaboração destas soluções é que as empresas que atuam em determinada rede podem criar sistemas de informação que sanem necessidades de todos, treinamentos para seus membros baseados nos problemas enfrentados, ou que visem o nivelamento da capacidade de produção ou outros pontos da capacidade de produção ou outros pontos da capacidade de produção ou outros pontos de atuação das organizações;
- c) Aprendizagem e informação: “a cooperação nas redes permite que as empresas envolvidas acessem novos conceitos, métodos, estilos e maneiras de abordar a gestão, a resolução de problemas e o desenvolvimento dos seus negócios” (FILHO, 2006, p.2008), a inovação é proveniente do contato com outros meios, o que é constante nas redes de cooperação, e do intercambio de saberes, a combinação desses fatores culminam para a geração do conhecimento;
- d) Redução dos custos e riscos, consiste da vantagem “de dividir entre os associados os custos e riscos de determinadas ações e investimentos que são comuns aos participantes” (FILHO, 2006, p.111), o que ocasionará vantagens diferentes de acordo com o perfil da organização;
- e) Relações sociais: este ponto “diz respeito ao aprofundamento das relações entre os

indivíduos, o crescimento do sentimento de família, e a evolução das relações do grupo além daquelas puramente econômicas (FILHO, 2006, p.17), o sentimento de pertencimento é de certo muito benéfico para a organização, numa lógica simples, se os membros da organização se sentem parte da referida, têm carinho pelo e se identificam tendem a ter maior cuidado e dedicação.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Campus Vitória, um dos 16 campi do estado de Pernambuco foi criado a 02 de junho de 1954 chamado de Escola de Magistério de Economia Rural Doméstica, quando sancionada a lei de criação dos Institutos Federais (lei nº 11.892), em 29 de dezembro de 2008, a então denominado Escola Agrotécnica Federal de Vitória de Santo Antão, passou a ter a nomenclatura atual, e assim como outras instituições de ensino adequadas à condição e estrutura de Instituto Federal, instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi (LIMA & SILVA, 2018 p.2). Ofertando atualmente os cursos de Agricultura, Agroindústria, Agropecuária, Manutenção e Suporte em Informática, Zootecnia, na modalidade Técnico Integrado, Agricultura, na modalidade PROEJA, Agricultura, Agroindústria, Zootecnia, na modalidade Técnico Subsequente, Agronomia, na modalidade Bacharelado, e na modalidade Licenciatura, o curso de Licenciatura em Química. E como característica presente em todos os Institutos Federais, O IFPE – Campus Vitória tem seu método baseado na tríade Ensino, Pesquisa e Extensão, tendo este último, em específico, atuação expressiva de estudantes membros do Programa Internacional Despertando Vocações (PDV), Programa de Extensão Internacional, que possui como um de seus princípios a formação de redes de cooperação, surgido na Cidade de Mendoza, na Argentina, e implementado no Brasil, inicialmente, no Referido Campus do IFPE, onde há atualmente atuação nas Áreas de Ciências Agrárias (PDVAgro) e Licenciaturas (PDVL), cuja atuação explica Lima et al. (2018, p. 4):

“Tem por objetivo geral, desenvolver ações que auxiliem no despertar do interesse para os cursos de Licenciatura em química, através da articulação de atividades de ensino, pesquisa e extensão e da troca de saberes entre a Academia e a Escola Básica, tendo como foco a formação do professor e as tecnologias educacionais, utilizando-se do formato de rede de Cooperação Internacional. Nesta perspectiva este programa é dividido em GT's (Grupos de Trabalho): GT de resolução de questões, GT de avaliação, GT de jogos didáticos, GT de software e GT de experimentos”. (LIMA, et al. 2018, p.4).

Os mencionados GT's correspondem ao princípio da extensão de, com o conhecimento da academia, dialogar com a comunidade do entorno de forma a impactá-la de alguma maneira. Alinhando-se, portanto, ao objetivo da pesquisa, que consiste em identificar as atividades

docentes de redes de cooperação relativas à Extensão no Curso de Licenciatura em Química, a fim de verificar o impacto da participação docente nas atividades de cooperação de caráter interinstitucional no exercício profissional.

Fundamentação Teórica

“Conhecer, na dimensão humana, que aqui nos interessa, qualquer que seja o nível em que se dê, não é o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe” (FREIRE, 1985, p.16). Conhecer demanda do sujeito conhecedor ação transformadora na sociedade a partir destes, demanda postura de agente, por todos os sujeitos envolvidos no processo, em especial no meio acadêmico, “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam significação dos significados” (FREIRE, 1985, p. 46).

O conceito de Multiversidade dá espaço para que seja exercida a função social, com extensão e outras formas de intervencionismo, esta consiste de “uma universidade funcionalizada, disponível para o desempenho de serviços públicos e a satisfação de necessidades sociais conforme as solicitações das agências financiadoras” (SANTOS, 1999, p. 179).

Diversos estudos realizados a partir da década de 1990 evidenciam “uma questão comum: a fragmentação da área da administração” (ROSSONI e FILHO, 2009, p.3), o que não é funcional para uma ciência, todavia desde então há um esforço para alteração da situação, estabelecido através de produções colaborativas entre os cientistas da área. A Pesquisa científica acerca das redes de cooperação é uma crescente há algumas décadas, bem como “eventos científicos internacionais despertam a atenção pela relevância concedida ao tema das redes no contexto organizacional. (BALESTRIN, VERSCHOORE e JUNIOR, 2010, p.3), aproximando para o contexto no qual se insere a presente produção, no âmbito da academia brasileira, “somente nos últimos anos é que se tem observado um aumento na quantidade e na qualidade das pesquisas e das publicações que enfocam o tema. Contudo esse rápido crescimento já foi capaz de estabelecer um campo estruturado de estudos no Brasil” (BALESTRIN, VERSCHOORE e JUNIOR, 2010, p.3).

Muito se falou as redes no âmbito da pesquisa, saindo do campo da teoria, e partindo para a prática, essa forma organizacional é uma alternativa viável para superar alguns

obstáculos enfrentados na prática da Extensão no panorama atual da academia brasileira. Para que seja estudada a teoria deve ser aplicada, a Extensão Universitária é, por natureza, espaço de cooperação, alguns exemplos pontuais, como o Programa Internacional Despertando Vocações têm mostrado êxito na incorporação do formato de redes no cotidiano acadêmico. É importante salientar que “As redes de cooperação têm a capacidade de facilitar a realização de ações conjuntas e a transação de recursos para alcançar objetivos organizacionais” (BALESTRIN, VERSCHOORE e JUNIOR, 2010, p.4). Quando se fala de organização podemos imprimir uma perspectiva mais formal e corporativista, todavia, o conceito de organização se refere ao agrupamento de pessoas concentrando esforços em torno de um objetivo em comum.

“Na ótica da dependência de recursos, as empresas organizam-se em redes, a fim de compartilhar ou acessar recursos escassos” (BALESTRIN, VERSCHOORE e JUNIOR, 2010, p.5), esta, a dependência de recursos, é colocada como central na dinâmica de redes pela abordagem da teoria institucional, mas, ao invés de se tratar de recursos, projeta-se na legitimação, Balestrin, Verschoore e Junior (2010) apontam que: as organizações se inserem em redes objetivando ganhar legitimidade.

A Teoria Institucional também nos serve de base para analisar os fenômenos estudados, esta não é de simples definição, conforme ocorre com a Gestão do Conhecimento, podemos apontar com facilidade processos com a qual se relacionam, mas não uma definição sucinta e acabada. mas buscando na significação da palavra “institucional” que vem do verbo institucionalizar cujo significado está relacionado a “oficializar” ou “legitimar”. As teorias de Administração até meados do século XX davam enfoque a aspectos operacionais, e a Teoria Institucional altera o panorama por dar enfoque aos aspectos humanos das organizações, neste sentido, Vaz (2013) relembra que:

“a interação entre a organização e o ambiente vão além do comportamento dos seus membros, chegando até as suas estruturas econômicas. É desafio das organizações encontrar recursos e transformá-los. Esta transformação certamente não faria sentido se não levasse em conta o ambiente, afinal de nada interessa produzir algo pelo o que outros não se interessem.” (VAZ, 2013, p. 11).

O que ocorre no interior da Organização precisa dialogar com o que ocorre com o ambiente externo, e para que isso ocorra o fluxo de ativos intangíveis estabelecido é constante e multidirecional, dessa forma, o impacto das mudanças é mútuo. Assim sendo, é nítida a aplicação da Gestão do Conhecimento quando tomamos a análise das Organizações sob a Ótica

da Teoria Institucional.

Metodologia

Consiste de uma pesquisa exploratória por objetivar construir uma visão geral acerca de um tema pouco explorado, “tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses de pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2006, p.27), descritiva, uma vez que busca descrever alguns fenômenos e encontrar relações entre eles, identificando algumas variáveis pertinentes, esta é caracterizada “pela utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados” (GIL, 2006, p.28), sendo também uma pesquisa de campo visto que o método “consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 186).

A abordagem dada caracteriza-se como Quanti-qualitativa, que relaciona-se com os objetivos visados pelo fato de permitir uma visão quantitativa, pelo qual é possível um tratamento objetivo, matemático e estatístico (LAKATOS & MARCONI, 2003), havendo, desta forma, a obtenção de dados que subsidiam a elaboração de perfis mais específicos, permitindo também a obtenção de dados subjetivos, que possibilitam compreender melhor o comportamento dos sujeitos atores dos fenômenos observados, pela interpretação dos dados à luz das teorias estudadas.

O Campo de Pesquisa é constituído por um Campus do IFPE, sendo o Campus Vitória de Santo Antão o escolhido, pelo fato de oferecer o Curso Superior de Licenciatura em Química. E os sujeitos da pesquisa são os docentes extensionistas que atuam em projetos de extensão junto ao Curso de Licenciatura em Química que envolvem a temática de redes de cooperação.

Para mapeamento dos sujeitos da pesquisa se fez uso de documentos oficiais do IFPE referentes aos projetos de extensão vigentes nos últimos quatro anos. Foi utilizado um formulário online para coleta de dados e software de com planilha eletrônica para tabulação dos dados obtidos.

A pesquisa se divide em três momentos distintos, o primeiro é constituído por análise documental a fim de mapear os sujeitos da pesquisa, o segundo corresponde a aplicação do instrumento de coleta de dados, neste caso um formulário online, e o último se trata da tabulação, através de software de planilha eletrônica, análise e interpretação dos dados obtidos.

Resultados e Discussão

O universo da pesquisa é constituído pelos professores extensionistas do Curso de Licenciatura em Química no IFPE – Campus Vitória de Santo Antão. No mapeamento dos sujeitos foram identificados sete (7) docentes extensionistas atuantes no Curso Superior de Licenciatura em Química, dos quais, cinco (5) responderam ao formulário.

Na estruturação do questionário, as duas primeiras perguntas solicitam, respectivamente, a conceituação de Extensão Universitária e a conceituação de redes de cooperação, as questões seguintes visam reconhecer o contato prévio que os docentes tiveram com a temática de redes de cooperação em outros momentos de sua formação, conhecer um pouco da vivência enquanto estudante, de forma a compreender as influências ocasionadas na forma de docência destes, seguindo-se do questionamento acerca da percepção da experiência da extensão e da atuação no formato de Rede na formação destes, e de seus alunos e orientandos.

Dentre as respostas à primeira questão, a que solicita um conceito de Extensão Universitária, um dos voluntários a conceitua como “Uma maneira de estender as atividades realizadas nas universidades para as comunidades”, na obra “Extensão ou Comunicação, o Educador Pernambucano, Paulo Freire, discute no primeiro capítulo a semântica do termo, e diz que “quem estende, estende alguma coisa (objeto direto da ação verbal) a ou até alguém (FREIRE, 1985, p. 11), na interpretação desta visão, tanto o conhecimento a ser estendido quanto os sujeitos a serem impactados pela ação tornam-se pacientes/passivos no processo, e apenas o extensionista agente, questiona-se então “pode este conteúdo que é conhecimento de, ser tratado como se fosse algo estático?” (FREIRE, 1985, p.15), pertinente a este ponto compreende-se a extensão como atividade dinâmica que busca aliar os conhecimentos acadêmicos aos populares de forma a construir novos.

Sintetizando as respostas dos voluntários quando solicitado o conceito de Extensão Universitária obtemos que esta seria a atividade construtora e difusora de conhecimento a fim de colaborar com o desenvolvimento da comunidade, sendo esta atividade de caráter integrativo do saber acadêmico oriundo do ensino e da pesquisa com o saber popular, de forma que o “produto” construído seja de benefício mútuo para todos os envolvidos na atividade.

No tocante às redes de cooperação os voluntários dão ênfase às relações humanas destas, todas as conceituações dadas apresentam as redes de cooperação como uma forma organizacional que reúne pessoas em prol de um objetivo em comum, ou seja, é evidente a importância dos ativos intangíveis, a visão dos voluntários leva a entender que a essência das redes de cooperação não diz respeito à estrutura de trabalho utilizada, nem à natureza do bem

produzido, o primordial para o sucesso destas redes são as aptidões que os membros dessas carregam, que se complementam de forma a potencializar a atuação das organizações.

Na sequência do questionário é perguntado se os sujeitos fazem parte de alguma Rede de Cooperação, foi obtido que 40% deles atua, e que 60% deles não atua conforme a figura 1, neste ponto do questionário é evidenciado que não há um conhecimento profundo acerca das redes de cooperação, a afirmação se baseia no fato de que todos os voluntários são membros do Programa Internacional Despertando Vocações, Programa de Extensão atuante em diversas instituições de Ensino ao redor do mundo (dentre estas o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Campus Vitória de Santo Antão), nas áreas de Licenciaturas, Ciências Agrárias, Gestão e Tecnologias e Ciências da Saúde, que tem como um de seus princípios a formação de redes de cooperação, ou seja, as atividades do Programa são desenvolvidas no Formato de Rede, desta forma, todos os membros do Programa são membros de ao menos uma Rede de Cooperação. Mencionamos ao menos uma, porque as redes de cooperação estão presentes em diversas esferas do nosso cotidiano há séculos, um exemplo comum são os sindicatos, grupos de pesquisa, entre outras.

Figura 1: gráfico referente à atuação dos voluntários em redes de cooperação.

4. Atua em Alguma Rede de Cooperação?

5 respostas

Fonte: Própria (2019)

Das questões voltadas à obtenção de dados estatísticos acerca da formação dos docentes temos que vinte por cento (20%) possui formação ligada a gestão (seja curso técnico, superior, mestrado ou doutorado), todos eles realizaram pesquisa enquanto estudantes, e quarenta por cento (40%) dos voluntários foram estudantes extensionistas.

As perguntas com objetivo de identificar o contato prévio que tiveram com a temática de redes de cooperação mostram que apenas quarenta por cento (40%) dos voluntários tiveram contato em sala de aula, como mostra a figura 2, quarenta por cento (40%) teve contato durante

a realização de pesquisa, e cinquenta por cento (50%) dos que realizaram extensão tiveram contato na extensão.

Figura 1: Gráfico referente ao contato dos voluntários com a temática de redes de cooperação em sala de aula.

Fonte: Própria (2019)

“A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam significação dos significados” (FREIRE, 1985, p.46) quando questionados sobre a contribuição do advento da tecnologia para a formação de redes de cooperação todas as respostas envolveram comunicação, em síntese os voluntários reconhecem que o contato entre os membros da rede é facilitado, contribuindo para diversos aspectos, reduzindo ou excluindo limitações geográficas para que se dê o trabalho em cooperação.

Outro ponto abordado foi a percepção dos voluntários acerca dos benefícios de trabalhar no formato de Rede, e os benefícios apontados são relacionados ao Networking, desenvolvimento em questões de oratória e habilidade de trabalhar em equipe, “Esses benefícios decorrem da capacidade da rede de promover a troca e a utilização de informações de maneira muito mais intensa do que em qualquer outro formato organizacional conhecido” (FILHO, 2006, p. 109).

O fazer científico tem caráter de socialização, sendo atividade de grupo, exigindo colaboração. Num grupo de Pesquisa ou de Extensão ocorrem diversas relações sociais, que exercem influência que por vezes não é evidente, mas modifica em maior ou menor grau os modos de execução das atividades. Essa influência, geralmente, tem enorme potencial benéfico por colocar o pesquisador e/ou extensionista em contato com pontos de vista, metodologias, informações em geral, que não necessariamente lhe eram evidentes, culminando em inovação.

As “relações entre pesquisadores não só aumentam em frequência, mas também em

número de colaboradores, possibilitando a formação de redes” (ROSSONI e FILHO, 2009, p.4), essas redes se interceptam através de indivíduos pontuais, estabelecendo assim teias de nas quais diversas redes se conectam, ampliando cada vez mais as possibilidades de fluxo de informações multidirecional.

Conclusões

De acordo com as teorias e análises aqui apresentadas alguns apontamentos são pertinentes, o primeiro deles diz respeito à temática da Extensão Universitária, verificamos que o quantitativo de docentes extensionistas é relativamente baixo, visto que dentre todos os docentes que lecionam no Curso de Licenciatura em Química no IFPE – Campus Vitória de Santo Antão apenas cinco (5) realizam Extensão, e isso ocorre em decorrência de diversos fatores, um deles é a visão da Extensão como o terceiro dever da universidade, o que não se valida, na tríade Ensino-Pesquisa-Extensão os três elementos devem ter mesmo grau de importância, desta forma, “há que se abrir espaço para desconstrução de preconceitos históricos e extrair da extensão o que ela proporciona” (DEUS, 2018, p. 8).

Outro ponto que salientamos é acerca do conhecimento sobre o conceito de redes de cooperação, observa-se um certo desconhecimento por parte dos voluntários, um dado previamente levantado é que todos eles fazem parte de ao menos uma Rede, todavia no ato do preenchimento do questionário mais da metade (60%) afirma não fazer parte de nenhuma Rede de Cooperação. Esse dado se relaciona com o fato de que apenas 40% teve contato com a temática em sala de aula, sendo este apontado como um dos fatores na base do desconhecimento. “A cooperação entre programas mostrou-se fortemente associada a sua produtividade” (ROSSONI e FILHO, 2009, p.2), a partir dessa observação infere-se que a inserção da temática nas disciplinas relacionadas a Gestão provavelmente seria benéfica à produtividade acadêmica, visto que o conhecimento desta forma organizacional abre um leque de possibilidades frente a execução de ideias e pelo fato de que alguns autores afirmarem que em alguns anos será o modelo organizacional predominante.

Por fim, verificamos que os voluntários reconhecem no trabalho em redes alguns benefícios para o desenvolvimento pessoal e profissional, dentre eles, salientamos a habilidade de trabalhar em equipe e o contato com novos conhecimentos, o que de forma orgânica, promove inovação. Dessa forma, os docentes verificam impacto da participação em atividades de cooperação de caráter interinstitucional no exercício da profissão.

Referências

BALESTRIN, Alsones; VERSCHOORE, Jorge; JUNIOR, Edgar. **O Campo de Estudo sobre Redes de Cooperação Interorganizacional no Brasil**. Revista de Administração Contemporânea, Curitiba, v. 14, n. 3, p. 458 - 477, Mai./Jun. 2010;

BARROSO, Antonio; GOMES, Elisabeth. **Tentando entender a gestão do conhecimento**. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p. 147-170, Mar./Abr. 1999;

DEUS, Sandra. **A extensão universitária e o futuro da universidade**. Revista Espaço Pedagógico, Passo Fundo, v. 25, n. 3, p. 624-633, Set./Dez. 2018;

FILHO, Jorge. **Redes de Cooperação Interorganizacionais: a Identificação de Atributos e Benefícios para um Modelo de Gestão**. 2006. 253 p. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre, 2006;

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 8º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985;
GIL, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º ed. São Paulo. Câmara brasileira do livro: 2008;

LIMA, Rayanne. et al. **A escolha pela carreira docente em Química: atuação do Programa Internacional Despertando Vocações (PDVL) nas escolas de ensino médio pela ruptura dos obstáculos pela escolha da área**. In: V Congresso Internacional das Licenciaturas – COINTER PDVL, 5 , 2018, João Pessoa – PB. Anais (on-line);

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2003;

ROSSONI, Luciano; FILHO, Edson. **Cooperação entre Programas de Pós- Cooperação entre Programas de Pós-Graduação em Graduação em Administração no Brasil: Evidências Estruturais em Quatro Áreas Temáticas**. Revista de Administração Contemporânea, Curitiba, v. 13, n. 3, p. 366-390, Jul./Ago. 2009;

SANTOS, Boaventura. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 7º ed. Porto: Edições Afrontamento, 1999;

VAZ, Fábio. **A Teoria Institucional e uma reflexão das teorias organizacionais na adaptação ao mercado competitivo**. Semana Acadêmica UniFatecie, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 1 - 16, 2013;

ZANETTE, Carla; STECANELA, Nilda. **A relação com o saber curricular: o olhar do docente**. International Journal Education and Teaching – PDVL, Recife, v. 1, n. 3, p 16 – 29, Set./Dez., 2018.